

PORTE PAGO

**DR/SC
ISR-58 - 603/87**

BLUMENAU

EM

CADERNOS

TOMO XXX

OUTUBRO DE 1989

Nº. 10

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXX

OUTUBRO DE 1989

Nº. 10

SUMÁRIO

Página

DDR comemora 40 anos com exposição em Blumenau	288
O Rio Itajaí é o Rio do Jaó de Pedra — Não é o Rio de nenhuma aroídea	289
Autoras Catarinenses	291
A Imigração e a questão da colonização alemã no sul do Brasil ..	294
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos	304
Subsídios Históricos	306
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil	307
Valorização do idioma alemão	309
Oscar Gustavo Krieger — 80 anos — Muitas lutas	312
Família Schroeder	313
Aconteceu... — Setembro de 1989	315
Conselho curador se reúne e toma importantes decisões	318

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) NCz\$ 20,00 + 5,00 (porte) = NCz\$ 25,00

Número avulso NCz\$ 5,00 — Atrasado NCz\$ 10,00

Assinatura para o exterior NCz\$ 100,00 + 50,00 (porte) = NCz\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

DDR COMEMORA 40 ANOS COM EXPOSIÇÃO EM BLUMENAU

José Gonçalves

Como é do conhecimento geral, em especial dos que se interessam pela história de nossa Blumenau, esta cidade tem afinidades muito afetivas com a República Democrática Alemã, principalmente, duas razões: A primeira é a de que seu fundador, nasceu na cidade de Hasselfelde, montanhas do Harz, naquele país. Lá o menino Hermann Bruno Otto Blumeau fez seus primeiros estudos, sob as vistas de seu pai, que era funcionário do serviço de proteção florestal.

Só mais tarde, Hermann Blumenau afastou-se de Hasselfelde para concluir seus estudos superiores.

A segunda razão da afinidade, é a de que o sábio Fritz Müller, cujo conceito envolveu o mundo todo pelas suas pesquisas notáveis no terreno das ciências naturais, também nasceu no mesmo país do Dr. Blumenau, ou seja, em Erfurt, e viveu grande parte da vida aqui, aonde faleceu.

Dai uma das razões pelas quais, desde há muito anos, Blumenau vem mantendo as melhores relações de amizade, no terreno cultural, especialmente, com a Deutsche Democratic Republic (DDR), tendo já diversos prefeitos e outras personalidades blumenauenses, visitado aquele país.

Em face desta amizade e afinidades, a Liga Para a Amizade Entre os Povos, uma instituição que acha-se ligada diretamente ao governo central daquele país, decidiu promover uma exposição de obras literárias, objetos produzidos em diversas regiões no setor artesanal, exposição esta que foi aberta no dia 27 de setembro último, com a presença de uma delegação alemã composta pelos srs. Ulrich Fahl, delegado da Câmara do Povo, em Berlim, da jornalista Sabine Ebert, da revista em espanhol "Puente", editada também na DDR, do sr. Wolfgang Wagner, representante da "ADN", agência de notícias oficial do mesmo país em Brasília e o sr. Hans Dieter Beuthan, representante consular junto ao Escritório Comercial da RDA em São Paulo.

A solenidade de abertura da exposição constituiu-se num acontecimento muito expressivo, contando com a presença, além das autoridades do município, com numeroso público.

Um vasto programa de visitas foi cumprido durante a estada da delegação em Blumenau.

O prefeito Vilson Pedro Kleinubing foi honrado com o recebimento de um diploma destacando a amizade entre os povos e com o objetivo de assegurar a paz no mundo, e que diz o seguinte: — "Em honra ao mérito e pelo trabalho realizado para o desenvolvimento e aprofundamento dos laços de amizade entre os povos, a "Liga Para a Amizade Entre os Povos da República Democrática Alemã, condecora o senhor Dr. Vilson Kleinubing." O Prefeito recebeu, ainda, uma medalha de ouro. O documento, ou

seja, o diploma, acha-se assinado pelo presidente daquela entidade, sr. Gerald Goetting.

Despedida com feijoada

Pelos laços de amizade que também unem a DDR, através da Sociedade Nova Pátria, filiada à referida Liga, a Fundação "Casa Dr. Blumenau", no dia de despedida da delegação, que doou numerosos livros à sua Biblioteca, ofereceu-lhe, através de seu diretor executivo jornalista José Gonçalves, uma feijoada sob as sombras do bambuzal que existe nos fundos do Parque Botânico "Edith Gaertner", às margens do ribeirão Garcia. Ao ágape, compareceram, além dos membros da delegação, o vice-prefeito Victor Fernando Sasse, o sr. Manfredo Bubeck, Secretário de Turismo, Esporte e Cultura, além de outros assessores da administração municipal e os chefes de serviços da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

Agradecendo o almoço oferecido e dizendo que havia saboreado com muito prazer e agradavelmente impressionado, o sr. Wolf-

gang Wagner pronunciou outras palavras destacando a amizade de seu país por Blumenau, sua gente, e em especial a já tradicional amizade com a Fundação. E, na oportunidade, fez entrega, além do diploma com o mesmo teor do que já registramos linhas atrás, de uma medalha de prata ao jornalista José Gonçalves, assim como também fez entrega ao jornalista e tradutor junto ao gabinete do prefeito, sr. Alfredo Wilhelm, de uma medalha de ouro e o diploma, como reconhecimento pelo notável trabalho que o mesmo tem desenvolvido nestes últimos dez anos em favor do crescimento constante da amizade entre a DDR e Blumenau.

Os visitantes despediram-se com afetuosos abraços e em seguida embarcaram com destino a Florianópolis para, no mesmo dia, retornarem a São Paulo e Brasília.

A referida exposição permaneceu aberta durante alguns dias, tendo os objetos expostos sido todos vendidos, cuja renda destinou-se às instituições sociais da Prefeitura.

O Rio Itajaí é o Rio do Jaó de Pedra — Não é o Rio de nenhuma aroídea

(Por Hermes Justino Patrianova)

Autor do
"PEQUENO LIVRO"

Lemos, agora, com 32 anos de atraso, um estudo feito pelo Almirante Lucas Artur Boiteux, que foi publicado no 2º. pacote do TOMO I, da Revista "BLUMENAU EM CADERNOS", de dezembro de 1957.

"A Costa catarinense, como sabemos, foi descoberta e perlongada a primeira vez entre os anos de 1501 — 1502, por nautas portugueses".

A pesquisa feita pelo Almi-

rante Boiteux é das melhores que já conhecemos.

Segundo o seu Autor, "os raros topônimos dos sitios particularmente observados foram, desde logo, incorporados aos monumentos cartográficos da época e que chegaram até nós", para felicidade dos Historiadores e dos Tupinólogos.

Os Rios sempre foram os topônimos merecedores da maior importância, tanto por parte dos índios, que os utilizavam a partir da Foz (que era, para eles, o principio, o começo), como por qualquer outra espécie de Marinheiro. Todos os tipos de usuários se preocupavam muito com o nomeá-los adequadamente. Por isso que ITAJAÍ recebeu alguns nomes, inclusive muitas corruptelas: — Rio das Voltas, Rio Tajahug, Rio Taiahug, Rio Tacahug, Rio Tacuay, Rio Tayahug, Rio Taya-by, Rio Tajahug, Rio Taiaiye, Rio Tajay, Rio Tujuy, Rio Tamarandi, Enseada Tajay, Rio Tajahi, Rio Tahahy, Rio Thajahi, Rio Itajahy e, finalmente, Rio Itajai, Rio Itajai-açu. **Açu** significa grande, pelo fato de não se ter denominado Paraná (**Rio que corre para o Mar**), como sói acontecer com os Rios grandes e que correm para o Oceano.

A sua posição geográfica é de 26°59' de latitude Sul, ponto em que se localiza um passarinho de pedra presenteado pela Natureza e que os índios Carijós o aproveitaram para nominá-lo: Itá-jaó-y.

Os descobridores, que conheceram a planta arácea chamada TAIÁ, nas Antilhas, não pesquisaram a inexistência da mesma em terras de Santa Catarina, confundindo o nosso JAÓ DE PEDRA — itá já com o taiá, que não existia no Brasil, por isso que era desconhecido dos nossos índios.

Os sectários da referida arácea — taia, taiá, taja, taja, tacha, taca, tácuá, taya, tayá, taha, tahá, portugueses, espanhóis ou brasileiros, como o nosso saudoso Vieira da Rosa, morreram acreditando em Ta iá-i, Rio da conhecida aroídea, nome que o linguajar do povo mantém ainda puro".

Aqueles que, na cabeça só tinham ouro, sucumbiram no seu imaginário "Tujui"... E os mais recentes transformadores de Tinamídeos em Bicos de papagaio, continuam a sua luta inglória e metendo o seu bico de papagaio onde não têm esse direito.

O nome do Rio Itajai, que passou para a Cidade e outros topônimos provém do pássaro de pedra existente na sua Foz:

ITÁ — (Pedra)

JAÓ igual JÁ (Pássaro tinamideo)

Y igual Í (Água, Rio) igual ITÁ-JA-Í igual ITAJAÍ.

É assim que está detalhado no "PEQUENO LIVRO", deste mesmo Autor, às páginas 45 a 50.

O Rio Itajai é, pois o Rio do Jaó de Pedra!

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauerse. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

NINGUÉM CONHECE NINGUÉM

Há uma coisa respeitável no indivíduo humano: é o seu respeito pelo mérito alheio”.

(Gilberto Amado)

Em entrevista concedida a importante revista, abordando a situação do escritor nacional e sua luta inglória, dizia há pouco tempo o Prof. Silvio Meira: “A primeira dificuldade é decorrente do desconhecimento de minha obra por parte de alguns intelectuais brasileiros. Isso não ocorre apenas comigo. É um mal nacional. Não se lê muito neste país, ninguém conhece ninguém.”

Romancista, poeta, articulista, jurista especializado em Direito Romano e autor de livros clássicos no gênero, tradutor de Goethe e Schiller, convidado permanente para conclaves e conferências no Exterior. Silvio Meira se ressentia, apesar de tudo, de ser desconhecido em seu país. Passam os anos, sua obra se avoluma, os estrangeiros vêm buscá-lo para aprenderem suas lições, mas aqui ele continua um ilustre desconhecido.

E de fato, ninguém conhece ninguém. Displicente, desinteressado, distraído, o brasileiro quase sempre desconhece o que faz o compatriota, o conterrâneo, o vizinho. Na era da comunicação, a desinformação é a regra.

Assim é lá fora, assim é também aqui. Exemplo bem frisante disso é o do poeta catarinense Joel Rogério Furtado, também procurador de Justiça e professor universitário, autor do livro “Memória Imprecisa” (Edição FCC — Florianópolis — 1986).

Com efeito, Joel vem mantendo excelentes relações com a “Fundación Givré”, importante entidade cultural de Buenos Aires e que já o contemplou com dois importantes prêmios por sua produção literária, fatos sempre ressaltados pela imprensa argentina.

Entre 24 e 31 de agosto ele esteve mais uma vez na Capital platina, sempre para participar de atos da “Fundación”, e agora para a “XIV Fiesta del Escritor Latinoamericano”, por ela promovida. O destaque do evento foi a homenagem ao escritor Ernesto Sábato, de renome internacional, cotado para o Prêmio Nobel, uma presença forte na vida cultural e política do país vizinho. Nessa ocasião Joel foi um dos oradores oficiais, falando em nome de vinte escritores de países diferentes e de outros tantos da própria Argentina. O discurso de nosso conterrâneo, pela costumeira beleza, encontrou ressonância nos jornais do Prata, embora fosse olímpicamente ignorado pelos daqui, como quase sempre acontece com temas culturais. “Clarín” e “La Nación”, entre outros, noticiaram o fato e deram cobertura ao conclave.

Nessa "Fiesta", segundo a imprensa, também foi evocado o escritor Jorge Luiz Borges, que estaria fazendo 90 anos, se estivesse vivo, e sua obra. Foram premiados diversos autores latinoamericanos e as cerimônias contaram com o prestígio das mais expressivas figuras do mundo cultural, diplomático e oficial da cidade. O presidente da Fundação, Dr. Alfredo Givré, afirmou que 40 escritores do Continente compartilharam da jornada cultural, levando seus trabalhos, e que com encontros desse tipo se procura estimular os valores espirituais. E Ernesto Sábato, convidado de honra, fechou seu discurso renovando a fé na arte universal e permanente, observando que "lendo uma tragédia de Eurípedes ou uma obra de Shakespeare compreendemos nossa alma, nossos defeitos."

Apesar do silêncio aqui reinante, nosso Estado não silenciou durante o importante encontro: falou pela boca de Joel, e falou bem, como se lê na imprensa (de lá). Ainda que um tanto tarde, sem alardes, esta coluna e seu titular, muito especialmente, queremos resgatar o acontecido para a crônica das letras catarinenses, felicitando o poeta pela sua participação e pelo sucesso de sua palavra. Pois, como disse Howard Fast, "o verdadeiro triunfo não é ruidoso; vem quieto e lentamente."

"ESSES HOMENS... E SUAS HISTÓRIAS"

Embora já soubesse de sua existência, só agora pude ler esse livro, de autoria do médico indaialense Heinz Schütz, publicado em coedição com a Associação Catarinense de Medicina e ARTGRAF. Foi uma agradável surpresa. São sete estórias que não mentem: ainda que envoltas em boa ficção, são daquelas pinçañas no correr dos dias da existência e captadas por uma pessoa de sensibilidade. Soube o autor acolchoar os fatos, encher de carnes o esqueleto, dar largas à fantasia. Seus contos, escritos sem pretensões, são humanos, fortes, verossímeis, descrevedo fatias de vidas repletas de sentimento. E, o que mais surpreende, é que o autor sabe escrever com desenvoltura, sem pedantismo, conduzindo o relato para o riso ou o choro, a alegria ou a tristeza. Numa época em que a moda é não ter estilo, o contista de Indaial tem o seu, muito pessoal e muito próprio. Uma leitura que valeu.

LANÇAMENTOS

Recebi da pesquisadora Maria do Carmo Goulart, agora morando em Curitiba, o livro "A imigração polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro" e as plaquetas "Imigração polonesa em Brusque — Um recorte histórico" e "Raízes polonesas em Brusque", com os quais a autora contribui para a compreensão da imigração po-

lonesa nos 120 anos de seu início, completados em agosto. Com sua dedicação e empenho, torna-se a autora uma **expert** na matéria.

Foram lançados os seguintes títulos: "O Kerb em Santa Catarina", de Zuleika Mussi Lenzi, Nilce Therezinha M. Salvador, Victor Márcio Konder (organizador — Co-edição UFSC/CEC); "Papel de escola na construção de uma sociedade democrática", de Edna Garcia M. Fiod e Maria Esmênia R. Gonçalves (UFSC); "O método contextual dinâmico aplicado a poemas de Fernando Pessoa", de Leonor Scliar Cabral (UFSC).

Está circuiando mais um número — 17, correspondente a agosto de 1989 — da revista "Pantanal", órgão da ELASE (Florianópolis). Contos, crônicas, poemas, artigos, crítica, cinema, noticiário são alguns dos assuntos que recheiam este número, além de uma homenagem a Drummond.

Comemorando seus 120 anos de existência, promoveu a Moellmann Comercial S/A uma exposição de pinturas, no Teatro Carlos Gomes, reunindo 14 artistas da região, entre eles alguns bem conhecidos. O evento foi coroado de êxito.

NOVOS ACADÉMICOS

Em sessão solene, levada a efeito no Teatro Alvaro de Carvalho, foram empossados na Academia Catarinense de Letras os escritores Silveira de Souza (Cadeira nº. 33) e Hugo Mund Júnior (Cadeira nº. 6), sucedendo, respectivamente, a Renato Barbosa e Vieira da Rosa. Os novos integrantes da ACL foram saudados por Glauco Rodrigues Corrêa e presidiu os trabalhos o dirigente da entidade, Paschoal Apóstolo Pitsica. Ambos os empossados são bastante conhecidos no meio literário, autores de obra considerável, ocupando-se o segundo também com as artes plásticas. Silveira de Souza foi meu colega na velha Faculdade de Direito, onde ambos fomos alunos de Renato Barbosa, a quem ele agora sucede. A solenidade foi muito prestigiada.

PENSAMENTOS

- O palpite de uma mulher é muito mais preciso que a certeza de um homem. — Rudyard Kipling.
- Se não é possível viver com as mulheres, é menos possível ainda viver sem elas. — Aristóфанes.
- As mulheres estão perfeitamente conscientes de que quanto mais parecem obedecer, mais dominam — Micheles.
- Onde existe casamento sem amor, existirá amor sem casamento. — Benjamin Franklin.

A Imigração e a questão da colonização alemã no sul do Brasil

(Dr. Wilhelm Breitenbach.)

Editado por Duncker e Humblodt — Leipzig 1887.

Arquivado na Biblioteca de apoio do Arquivo Histórico, sob o número 46.043 — Blumenau — SC. V325 BRE — DIE.

(Tradução: **Edith Sophia Eimer**)

INTRODUÇÃO

“O trabalho que segue é o conteúdo em essência de inúmeras palestras proferidas no inverno 1885/86 a pedido do “Deutschen Kolonialverein” (Sociedade Colonizadora Alemã) de Berlim, em várias cidades da Alemanha. Através destas palestras consegui divulgar mais as verdadeiras condições das colonizações no Sul do Brasil. É esta também a intenção destas páginas. No Sul do Brasil ainda continua o enlameamento sistemático da colonização alemã pela imprensa alemã.

Para que haja um desenvolvimento sadio através do “Deutschenkolonialverein” e de outros amigos, é necessário em especial enfrentar estas desconfianças não através de panfletos de disputas tendenciosas, mas por apresentações objetivas dos fatos, e é isto que pretendo fazer com as páginas seguintes.

A questão colonial que somente há pouco anos entrou em evidência na vida pública, recompõe de duas partes bem distintas contrárias a questão de colonização da França e Holanda. Portanto a sua solução é também bem

mais difícil do que a francesa e Holandesa. Em nosso caso trata-se de uma rápida, para bem breve uma satisfatória necessidade industrial. Exemplo: o comércio de exportação, a abertura de regiões de aquisição e depois sobre uma direção sensata sobre a utilidade da produção e a conservação nacional do grande fluxo imigratório alemão.

A indústria alemã nos últimos dois decênios tanto extensivo como intensivo cresceu em todas as áreas enormemente. A oferta de produtos industrializados ultrapassa a procura. Desta forma é preciso, encontrar novos mercados principalmente além mar; são os que se tornaram fatores de sobrevivência para nossa indústria e exportação. Tais mercados estrangeiros já se pensava ter encontrado a alguns anos com mais segurança se seguisse o exemplo da Inglaterra, França, Holanda, Espanha, etc., fundando uma própria colônia, isto é, ocupando terras sem dono em além mar, nos quais com as inativas fazer um comércio mais ou menos significativo, onde podiam ser instalados plantações ou então onde podiam ser entregues uma

parte de imigrantes alemães desde que estes se compunham de lavradores e artífices.

As diversas tentativas nesta direção foram durante anos em vão. Nós, através de jornais, panfletos e livros praticávamos apenas uma **política colonial teórica**. Até que em 1884 o Fürst Bismark até então muito reservado para com os esforços coloniais, saiu de sua reserva e assim o segundo período da mais nova história colonial alemã, começou. A mesma começa com o curto e significativo telegrama do Chanceler do Reino ao Cônsul alemão de Kaps-tadt através, como é sabido as propriedades do comerciante de Bremen F. A. Lüderitz na Africa do Sul (Angra Pequena) foram colocadas sob a proteção do Reino. Deste então nós conseguimos adquirir inúmeras assim chamadas colônias na Africa do Sul na costa Leste e diversas agora já comercializamos com os nativos, mesmo em escala reduzida. Em algumas de nossas colônias, não em todas, podemos sem dúvida praticar com sucesso o sistema de plantações. Podemos cultivar café, algodão, fumo, arroz, cana de açúcar e temperos. Isto deveria ser indicado a Kamerun e às Sociedades da Africa do Leste.

A nenhuma de nossas colônias atuais — isto não se pode frisar mais severamente — **nenhum colono alemão ou família de artífices pode ser enviado para lá por uma permanência definitiva.**

Realmente somente alemães permanentemente para Kamerun, Africa do Leste ou Nova Guinéa, seria um crime. Todas nossas colônias, com única exceção do totalmente inútil Angra Pequena e

seu talvez um pouco melhor Hinterlan, nos trópicos e aqui diga-se o que quiser o colono e artífice alemão que precisa desempenhar duro trabalho não pode ser instalado em definitivo porque não resistiria. Isto é tão claro para todo homem morador nos trópicos que não precisamos mais perder outras palavras, e todas afirmações ao contrário podemos simplesmente ignorar.

Como podemos ver, a nossa atual politica colonial como é feita com a ajuda do governo, sobre a segunda questão de imigração não tem influência nenhuma. E mesmo assim, é como mais e mais agora se felizmente se reconhece esta parte a mais importante. Pois quando se trata da instalação de feitorias comerciais ou na elaboração de plantações em países além mar se trata apenas de um número pequeno de comerciantes e fabricantes interessados, nós enfrentamos a questão do bem-estar pessoal de centenas e centenas, sim com os anos milhares de imigrantes mesmo, ou querem imigrar, mesmo parentes e amigos que se encontram na mesma situação. Estes têm todo um interesse direto às vezes até material na solução certa da questão imigratória.

Os milhares e milhares de patrícios que anualmente deixam a velha pátria para em terra estranha fundar uma nova existência e a estes, devemos conservar comercial e nacionalmente. Este é o maior dever altamente nacional, que a Política Colonial alemã ao lado, ou melhor antes de outros deveres deve resolver.

É sabido que o maior fluxo imigratório alemão até o presente momento foi para os Estados U-

nidos da América do Norte; somente um número muito reduzido se dirigiu a outras partes do mundo: para a Austrália, Kapland, América do Sul etc. Não é fácil dar o número exato de alemães chegados à América do Norte em um ano, porque as anotações sobre esta questão variam muito. E muitas vezes não concordam com o número total dos imigrantes alemães. Assim por exemplo de acordo com E. Hasse, no ano de 1882, da Alemanha imigraram 193.869, pessoas de acordo com o "Kolonial Zeitung" volume I página 101. Somente nos EUA chegaram naquele ano 229.996 pessoas da Alemanha. Não coincidem igualmente os números do ano 1883 com os de 1882. Em outra parte do jornal, é dito que o total de imigrantes passados nos portos alemães, Antuérpia, Amsterdã e Rotterdam forma cerca de 171.900 imigrantes alemães.

Temos que anotar aqui aqueles alemães que embarcaram no porto do Havre que não estão incluídos. O mesmo jornal cita na página 100 que em 1883 cerca de 180.812 imigrantes alemães foram aos EUA. Em contrário ao enorme número de imigrantes alemães que anualmente partem para os EUA, por exemplo, em .. 1883 de Hamburgo e Bremen, .. 1085 para a Austrália, para Kapsstadt 616, para La Plata 711, ao Brasil 1391, para Honolulu e vários outros portos cerca de 2000 e finalmente de Antuérpia 763 pessoas para o Rio de Janeiro. Temos que anotar que entre todos estes números não se encontram somente alemães, mas também outras nacionalidades, como austríacos. Estes números mostram

que a maioria de imigrantes alemães ia para os EUA e muito poucos se dirigiam a outros lugares.

Enquanto até bem pouco tempo esta enorme imigração de alemães para os EUA corria livremente, de alguns anos para cá o fluxo está mais controlado. De ano a ano se verificou mais e mais que esta imigração em massa para os EUA, para nós, significa dois grandes conseqüentes prejuízos, um o nacional, um outro o econômico.

O fator nacional: é para nós muito triste, mas infelizmente constatado, que os alemães na América do Norte em pouco tempo deixam seu idioma. O professor Sartorius von Waltershausen diz a respeito o seguinte: dos 10 milhões de alemães e seus descendentes a metade não fala mais o idioma pátrio, um quarto o fala mais ou menos puro e um décimo dá mais atenção à literatura pátria. Com o idioma também desapareceram infelizmente outros costumes nacionais, que são perdidos. Enfim, nós encontramos entre os Alemães da América do Norte um fantástico processo de desnacionalização como não observamos em nenhum outro país do mundo. Os alemães em terras dos EUA e em convívio com os americanos, em poucas gerações, são mesmo americanos, sem vínculo com o alemão. Os 641 jornais e revistas (censo 1880) as escolas teuto-americanas, a expansão da comercialização do livro, as prédicas nas igrejas, a realidade que muitos anglo-americanos aprendem alemão e que cada grande jornal americano para a literatura alemã tem um colaborador alemão, assim como as bi-

bliotecas nas quais existem milhares de livros alemães, tudo isto, de acordo com Sartorius de Waltershausen, não foi capaz de impedir a perda do idioma alemão e digamos o processo de desnacionalização.

Se o elemento alemão na América do Norte não tivesse atualmente um acréscimo tão acentuado da velha pátria o retrocesso do caráter alemão avançaria com maior rapidez. E como decorrência com rapidez bem maior, este triste processo se não digamos apenas 50 anos, não acontecesse nenhuma imigração alemã. Antigamente pouca atenção se dava a este retrocesso do caráter alemão, ou simplesmente era aceito como realidade, a qual se podia modificar. Mas agora, após uma longa guerra, nos unimos para um só povo; agora não é somente, justo mas necessário levantar uma vez a questão. É digno ou indigno de um grande povo cultural como o nosso ficar olhando sem iniciativa como atualmente milhares e milhares de seus descendentes desaparecem por completo numa estrangeira peculiaridade étnica, onde meramente servem como adubo para a formação de novo povo americano? Eu acho que a esta pergunta cabe só uma resposta. Seria ofender meus leitores se colocasse a resposta só no final? A minha é que para que nossos patrícios não percam o seu caráter alemão nos EUA, já bastaria uma ação de nossa parte, de impedir o fluxo da imigração em massa para os Estados Unidos.

Há necessidade de um desvio de atenções, principalmente de uma grande parte da massa imigratória alemã dos EUA. Sabe-

mos, no entanto, mesmo somado em pequena escala, a grande desvantagem econômica que teremos que enfrentar.

Em primeiro lugar perdemos nossos patrícios como compradores de nossos artigos industriais. Desde o primeiro dia de sua permanência nos EUA, a maior parte dos fregueses compraria produtos americanos ou ingleses. Mas isto não é tudo; muitos e muitos serão em pouco tempo nossos concorrentes. De ano a ano chegam sempre mais produtos da indústria americana no mercado europeu e também ao alemão e os produtores dos mesmos, em grande parte, são alemães ou descendentes destes. Além disso perde-se com os imigrantes para os EUA, para nós, um capital triplo: primeiro o capital que as pessoas levam em dinheiro, papéis de valor etc. que deve chegar a 600 marcos por cabeça, em segundo: o capital que aqui na Alemanha é gasto para a educação, a formação técnica, agrícola ou outra qualquer profissão.

As perdas econômicas ou nacionais que anteriormente abordamos que sofremos com a imigração em massa para os EUA não é a única que nos faz desejar o estancamento imediato do fluxo imigratório. Ainda entram outras questões a serem observadas, das quais somente duas quero mencionar aqui. Uma é o piorar das condições econômicas na União mesmo que não mais facilita tanto o imigrante como a 1 1/2 ou 2 décadas passadas, de erguer uma existência cômoda e tranqüila para si e sua família. A terra nos EUA também tornou-se mais "apertada" e milhares

que foram para lá cheios de esperança não conseguem alcançar uma existência. Muitos acabam na desgraça. Aqui não ouvimos falar disso; somente ouvimos falar daqueles que alcançam alguma coisa. Muitos regressaram pobres e miseráveis dos EUA após terem gasto tudo que possuíam. Quase todos os navios que aportam em Hamburgo ou Bremen vindos de lá trazem estas pessoas. Mas quantos dos que foram esperancados para a terra abençoada gostariam de voltar, mas não podem fazer porque lhes faltam os meios! Mas muitos também o orgulho e a vergonha fazem permanecer.

Segundo, não podemos esquecer o Governo mesmo que agora os chamados "paupers" (os totalmente desprovidos e impossibilitados de trabalhar) não aceita mais mas envia-os de volta antes de chegar a terra. Eu analiso esta rejeição dos "paupers" como o primeiro passo do governo americano de conter a massa imigratória. Quem quer dizer que após 10 ou 20 anos só entrarão aqueles imigrantes que têm um certo capital? Já foi sugerido por vários jornais do país que se exigisse um imposto — bastante alto por cabeça de imigrante.

Chamo a atenção do governo alemão que deveria dar mais atenção a imigração para os EUA e em especial controlar mais rigorosamente as agências que se incumbem do transporte destas pessoas. Aos agentes pouco im-

porta para onde vão as pessoas e o que acontece com eles. O importante é que recebam sua comissão. No último inverno interoguei entre vários grupos de imigrantes, qual era seu destino. A resposta era sempre América do Norte.

Para o Brasil se dificulta tanto a imigração que mais parece uma proibição; para os EUA deixa-se partir centenas de desprevidos mesmo sabendo que vão ao encontro de sua desgraça e ruína moral. Isto é justo? O desprezo para com o Brasil contra a América do Norte, que antigamente — e mesmo assim em pouca escala — era justa e mesmo necessária, tem hoje através dos conhecedores das condições brasileiras não mais motivo de ser. Deveriam pensar nisto antes que seja tarde!

Agora a imigração é uma realidade, um aparecimento econômico, que com toda previsão tão logo não desaparecerá. Que a imigração alemã nos próximos decênios, novamente aumentará, precisamos necessariamente olhar outros países que têm as mesmas ou melhores chances para o progresso do imigrante alemão, bem como a conservação do caráter alemão, da nacionalidade, costumes, bem mais do que a América do Norte.

Um país que se tomou como meta para nossos, em especial, colonos, artífices e trabalhadores de fábricas, precisa ter as quatro seguintes condições: **Primeiro:** precisa estar localizado em clima

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

ameno, pois somente em tal os alemães podem prestar serviço pesado e constante, e somente em tal a descendência não degenerará; **Segundo:** Deve ser permitido a nossos patricios imigrados o uso do idioma alemão, costumes e usos alemães, dito com uma só palavra: conservar a nacionalidade fielmente; **Terceiro:** Deve ser dada a oportunidade aos recém vindos, cuidar de si e sua Família em relativo curto espaço de tempo, digamos construir em quatro ou cinco anos uma boa existência e futuro; **Quarto:** Por fim, precisam, naquelas terras, os patricios imigrantes, a longo prazo, ser compradores de produtos alemães e que possam continuar a ser e não se tornar uma concorrência significativa.

Onde encontrar tais países? Regiões abandonadas onde estas condições ou em grande parte preenchessem as aspirações, não existem mais. Numa ampla visão do globo, em diversos continentes, chegamos a somente três grandes áreas: a parte do Sul da Africa, naturalmente Kapland e a República dos Boers, a parte sul da Austrália, inclusive a ilha da Nova Zelândia e a parte amena da América do Sul. As tentativas de interessar outros países como: Babilônia, Síria etc. para uma imigração alemã, precisamos considerar como utopia. Dos acima citados podemos cortar logo dois Kapatadt e Austrália, que estão sob domínio inglês. Sobra-nos, portanto, a parte amena da América do Sul, que se compõe de três Repúblicas: Argentina, Paraguai e Uruguai e a parte sul do Império Brasileiro em especial as duas Províncias Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Não incluo a Re-

pública do Chile por ela se encontrar no outro extremo. Nada tenho contra este país, porque lá existem maravilhosos assentamentos alemães e que as perspectivas para a colonização alemã são excelentes; mas muito distante das comunicações da grande rota de comercialização.

A parte amena da América do Sul é aquela região na terra que no futuro receberá um grande afluxo de massa humana que anualmente imigra da Alemanha e que para prejuízo nosso infelizmente até agora iam quase exclusivamente para a América do Norte. Estas são as conclusões a que todos chegaram nos últimos anos, ao analisar e estudar sobre as colônias agrícolas alemãs. **O desvio do fluxo imigratório alemão da América do Norte para a América do Sul** esta é a solução da questão imigratória e a parte mais importante de toda a questão colonial alemã.

Quando a Sociedade Colonial Alemã se interessou mais por esta questão do que outras, este mesmo estava convicto que esta seria a solução. Após este ponto ter sido fixado teoricamente, a Sociedade, começou a estudar qual seria o país mais indicado na América do Sul para por em prática o sistema de Colônias? Qual país seria para imigração alemã no momento o mais indicado? A resposta a esta pergunta foi respondida com unanimidade, era ela: **O Sul do Brasil!**

O motivo é, em curtas palavras, o seguinte: Nem na Argentina, Paraguai e Uruguai existem extensas colônias agrícolas alemãs. Se quiséssemos iniciar aqui teríamos invariavelmente que começar do principio que gastaria

tempo é dinheiro. A experiência poderia dar certo, bem como fracassar, não o podemos dizer. No Sul do Brasil, nós estamos isentos de tais experiências, porque aqui existem já há mais de 60 anos extensas colônias agrícolas alemães que podemos de sã consciência recomendar aos imigrantes.

Aqui já vivem milhares de artífices e comerciantes, e só temos de submeter estas colonizações a um estudo mais minucioso. Se chegarmos à conclusão que preenchem os requisitos anteriormente citados, e se obtivermos um resultado positivo, então certamente nos aliaremos à "Sociedade Colonizadora Alemã" e a todas as outras que com ela designam o **Rio Grande do Sul e Santa Catarina como a terra ideal para fixar colonos e artífices**. No capítulo seguinte minha obrigação é provar o acima dito.

Sob o Sul do Brasil, entendemos em oposição a outros escritores exclusivamente as duas Províncias do grande Império americano, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Existem sim também em outras Províncias significativas colonizações alemãs: no Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Somente aqui os alemães não estão compactados, como nas primeiras duas cidades e também o futuro do caráter alemão não está neles, mas sim isto acontece em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A costa do país se estende simplesmente e não apresenta grandes e internas baías. Mas encontramos no Rio Grande do Sul na região costeira uma grande lagoa que forma a Lagoa dos Patos e a Lagoa Mirim, a última em

grande parte pertencente ao Uruguai.

Bem diferente é a costa de Santa Catarina; aqui da Serra do Mar está bem próxima ao mar e alegre a visão dos passageiros a bordo dos navios que passam. Alguns pontos como o porto de Desterro na Ilha de Santa Catarina é de beleza inesquecível.

O Sul do Brasil pode ser considerado uma terra farta em água é cortado em todas as direções por inúmeras grandes e pequenas veias de água. Mas somente poucas são navegáveis e úteis à vida econômica mas futuramente serão de grande utilidade.

O rio costeiro mais significativo de Santa Catarina é o Itajaí, que é navegável até a Colônia Blumenau por pequenos vapores que fazem a ligação com a Ilha de Desterro. O Itajaí, já por várias vezes, transbordou violentamente como em setembro de 1880, e causou muitos danos à Colônia.

O rio mais importante no Sul do Brasil é — isto é até hoje — o Rio Jacuhy na Província do Rio Grande do Sul. Se abordássemos o aspecto geográfico, nos estenderíamos demasiadamente, mas seja dito:

Realmente em todo o mundo somente poucas regiões são encontradas, que se prestam tão bem a uma colonização em grande escala como a região florestal riograndense no alto Uruguai.

Somente a Província Rio Grande do Sul é maior que os três Impérios: Baviera, Saxônia e Württemberg. Nesta considerável área vivem, cerca de 1 milhão de pessoas, e entre eles, já agora 200.000 alemães e descendentes destes. Enquanto na Alemanha

por quilômetro quadrado, vivem 84 pessoas, aqui se conta na mesma área no sul do Brasil cerca de 3 habitantes. Como vemos, pouco habitada é a terra brasileira. Portanto, terra para a colonização tem bastante; milhares de pessoas esforçadas podem ainda construir aqui o seu lar. Dos acima citados, 200.000 alemães e seus descendentes, foram para a Província Rio Grande do Sul cerca de 110-120.000 e o restante para Santa Catarina. Número exato não é possível dizer, mas eu assumo o número acima citado. Os números provam portanto um grande número de nascimentos em relação aos falecimentos. Este fantástico aumento da população alemã, foi notado por muitos visitantes na Colônia. Em grande parte as famílias de colonos têm 8 a 10 ou mais filhos; famílias com 10 a 15 crianças não são raras. Considerando portanto o baixo índice de mortalidade infantil, que encontramos na terra os nascidos com um desenvolvimento mais rápido do que aqui. Entra aí o fator da possibilidade maior da alimentação, casamentos precoces, mais do que era na Alemanha; tudo isto resulta num rápido crescimento. Os jovens teuto-brasileiros casam com uma idade média, entre 20-22 anos e as moças entre 16-18 anos. Raros são os homens que com a idade de 40 anos já não sejam avôs. Muitos colonos alcançam idade avançada e se alegram entre numeroso grupo de netos e bisnetos.

Em tudo isto se faz sentir o clima vantajoso e salubre do Sul do Brasil, e sobre o qual considerações foram tecidas. Só preciso lembrar que o sul do Brasil está localizado na região amena, para

logo fazer desaparecer o conceito de região quente como os trópicos. Igualmente saudável é a região serrana. Lá encontramos poucas variações de temperatura, uma razoável graduação de umidade do solo e o ar puro das montanhas. Nos meses de inverno a temperatura oscila em graus mais baixos, mas está longe de uma temperatura nórdica, não sendo porém raro a queda de neve. Eu pessoalmente constatei este fato por ocasião de minha visita.

Esta extraordinária favorabilidade do clima da terra reflete, também sobre o Estado de saúde da população. Doenças epidêmicas com excessão de uma epidemia de variola, em Porto Alegre, ainda não aconteceram. Somente em Desterro, a capital da Província de Santa Catarina situada em uma pequena ilha, este fato aconteceu, como fui informado pelo excelente naturalista e pesquisador alemão Dr. Fritz Müller, que vive em Blumenau.

Em tudo, o clima é saudável para o colono alemão e suportável quando no alto verão ele evita se expor muito ao sol. Lareiras nas casas, são desconhecidas; eu pelo menos não encontrei nenhuma por ocasião de minha visita a Blumenau. Os brasileiros mesmo, chamam a Província de Santa Catarina "a terra da eterna primavera".

A colonização da floresta é mais barata do que a do campo serrano.

A floresta fornece aos colonizadores madeira, para construção de uma casa, madeira para o fogo, madeira para um cercado destinado ao gado. Tudo isto falta ao campo serrano e sua aquisição sairia muito caro.

Em especial por sua fartura em floresta o Sul do Brasil é a região mais indicada para a colonização alemã, muito mais do que a Argentina, que não possui esta fartura.

A plantação de fumo é muito desenvolvida e em 1885 grandes fardos pesando 40.000 Zeutner (peso de 50 kg, meio quintal métrico) em cerca de 35.000 fardos eram exportados do Rio Grande do Sul, principalmente para a Antuérpia, Hamburgo, e em quantia mínima para Montevidéu, e Rio de Janeiro.

Arroz é cultivado em diversas regiões do país com relativo êxito. Esta cultura só está iniciando.

A cana de açúcar cresce em ambas as Províncias, mas somente em Santa Catarina ainda amadurece. No Rio Grande do Sul somente pode, ser plantada em lugares mais abrigados, em especial localidades ao norte.

Café no Rio Grande do Sul, naturalmente não amadurece mais e em Santa Catarina também só em lugares bem abrigados.

A vinicultura no Sul do Brasil não pode deixar de ser mencionada, e tenha certeza que tem um grande futuro. Em todas as colônias alemãs e em especial as italianas são cultivadas as uvas.

O Sul do Brasil tem uma série de plantas úteis nativas, como por exemplo o chá do Paraguai ou Erva Mate. As folhas secas e trituradas, fornecem, colocando água fervente sobre elas, um delicioso chá. Seria desejável se este chá tão saudável e gostoso encontrasse campo também aqui na Europa. Este chá podemos citar verdadeiramente como a bebida nacional sul americana.

Segue o Feijão que é a alimentação por excelência do povo, inclusive do colono. Este produto é exportado em grande quantidade para as Províncias do Norte, principalmente para a capital Rio de Janeiro.

As frutas do Sul podemos citar a laranja, figos, bananas, ananás e muitas outras de qualidade inferior. Em Santa Catarina já são cultivadas qualidades superiores.

O consumo Animal de origem selvagem é importante. A terra é menos rica, mesmo que as florestas e rios abriguem bastante variedade. Algumas espécies de veados, o Tapir, porcos do mato, tamanduás, bem como inúmeras espécies de pássaros, oferecem ao caçador boa presa. A caça não é profissional mas simplesmente amadora.

A comunicação rodoviária deixa muito a desejar e é uma grande falha do Governo. Assim também acontece com a comunicação fluvial com outras partes do Brasil e também com o exterior. A grande desvantagem do Sul do Brasil é de não possuir grandes portos para receber navios de outros países.

Passemos para as condições ferroviárias no Sul do Brasil. A Província Santa Catarina tem até agora somente uma concluída. Esta vai do porto de Imbituba até Tubarão para as minas de carvão. A segunda ferrovia mais extensa é a de Porto Alegre — Uruguaiana de 43 km. Ela não parte de Porto Alegre como o nome sugere, mas sim de um ponto da margem direita do Taquari. De Porto Alegre até este ponto a comunicação é feita por via fluvial.

Todas as maiores localidades

têm estações telegráficas e postais.

Como estão passando os nossos patrícios instalados no Sul do Brasil, como moram, qual sua atuação na vida pública?

A estas perguntas queremos responder objetivamente, sem favorecimento e sem ódio. Eu pessoalmente nada tenho com o não progresso ou progresso das colônias alemãs no Sul do Brasil. Passei vários anos feliz entre famílias alemãs em Porto Alegre como Santa Catarina. Aprendi a respeitar e compreender seus pontos de vista.

Dividiremos, para melhor compreensão, em quatro grandes grupos de colônias. São duas no Rio Grande do Sul e duas em Santa Catarina. Aqui são as grandes colônias de Dona Francisca com sede em Joinville e São Bento. Blumenau nesta Província diferenciaremos as colônias da floresta, portanto abaixo da Serra Geral.

Começaremos com a Colônia Porto Alegre. Esta tem clima ameno e é uma cidade de cerca de 40.000 habitantes dos quais no mínimo 6.000 alemães e descendentes. Porto Alegre é, como sabemos, a sede do Governo e capital Provincial, bem como a residência do Bispo. Possui um grande seminário, um grande número de escolas públicas e particulares, bem como 7 ou 8 Igrejas, uma Biblioteca Pública. Circulam na cidade inúmeros jornais, bem como revistas semanais e mensais. A vida social é bem desenvolvida, com concertos, teatros e diversões semelhantes. Nada falta para os moradores.

Na política encontramos a representação de dois alemães na Câmara Provincial; Karl von Ko-

seritz e Fr. Hansel são a vários anos Deputados muito bem conceituados.

Agora nos dirigiremos à Colônia Dona Francisca com São Bento e Blumenau com Itajaí e Brusque.

Dona Francisca foi fundada em 1851 de uma chamada "Sociedade Colonizadora" de Hamburgo. Alguns comerciantes hamburgueses adquiriram uma parte do Príncipe de Joinville, na Província de Santa Catarina. A sede de toda a Colônia é a encantadora cidade de Joinville. O local tem cerca de 3000 habitantes, possui 2 Igrejas, escolas e um Galpão para abrigar imigrantes, um jornal alemão e restaurantes.

Em 1873 no planalto da Serra do Mar foi fundado São Bento que se comunica através de uma estrada com Joinville. A nova Colônia já conta com 4000 habitantes.

A conhecida Colônia Blumenau, localizada às margens do rio Itajaí, foi, no ano de 1850, adquirida pelo Dr. Blumenau, de Hasselfelde (Braunschweig). Em 1866 o atual proprietário vendeu a Colônia ao Império e a partir de 1882, Blumenau era uma Colônia Estatal sob a magnífica direção do Dr. Hermann Blumenau. Na data acima mencionada a Colônia foi emancipada e passou para a administração do Estado: passando a um Município autônomo.

Não é possível que no futuro o elemento alemão nesta parte do Sul do Brasil também se tornar visível e participante na política.

Futuramente ambas as partes, Brasil e Alemanha, terão proveito da colonização alemã.

Final outubro de 1886."

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

TERMOS DO LIVRO DE TOMBO (IV)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Termo 151: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Otilia Kluge e Reinoldo Padaratz.

Termo 152: Provisão de fabricante em favor de Fr. Zeno e provisão de dispensa matrimonial em favor de Luís Honegen e Augusta Theure, em 09.12.1899.

Termo 153: Carta Circular do Sr. Bispo sobre o Apostolado da Oração, em 01.07.1.900.

Termo 154: Carta Circular do Sr. Bispo sobre a Celebração do 4º. Centenário da Descoberta do Brasil, em 09.04.1.900.

Termo 155: Carta do Sr. Bispo sobre o Pe. Vicente Guardinieri, em 25.07.1.900.

Termo 156: Carta Circular do Sr. Bispo sobre a questão matrimonial, em 26.07.1.900.

Termo 157: Provisão do Sr. Bispo autorizando a celebração de missas na capela de Belchior, em 06.08.1.900.

Termo 158: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Lucas Marcelino Furtado e Maria Luisa da Rosa.

Termo 159: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Nicolau Burckhard e Amália Stahl, em 27.01.1.900.

Termo 160: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Emma Buettehen e Adolpho Weitner, em 17.04.1.900.

Termo 161: Pedido de Fr. Zeno ao Sr. Bispo para que se possa: erigir Via Sacras nas capelas de Santo Antônio, São João, N.S. da Saúde (Luís Alves), levantar e

benzer uma cruz em Treze de Maio, fazer um cemitério e benzê-lo em Guarani-Mirim. Concedido em 14.05.1.900.

Termo 162: Provisão quinzenal de Celebração de missa na capela de Belchior, em 06.08.1.900.

Termo 163: Carta Circular do Sr. Bispo sobre registros, em 20.08.1.900.

Termo 164: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Juliana Sacowlska e Simon Thomasenska, em 23.08.1.900.

Termo 165: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Thecla Baader e Leopoldo Müller, em 25.08.1.900.

Termo 166: Portaria que trata dos impedimentos do Direito Canônico (Eclesiástico), em 08.09.1.900.

Termo 167: Carta Circular do Sr. Bispo recomendando a recitação do terço no mês de outubro, em 01.10.1.900.

Termo 168: Portaria que trata da missa à meia-noite de 31 de dezembro, em 24.11.1.900.

Termo 169: Carta Circular que trata da celebração da festa anual do novo século, em 25.11.1.900.

Termo 170: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para erigir a Via Sacra na capela da Sagrada Família, em Luís Alves, em 20.12.1.900.

Termo 171: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Carlos Krubeck e Elisabeth Rudolf, em 31.12.1.900.

Termo 172: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para benzer as estações da Via Sacra na capela do Sagrado Coração de Jesus de Belchior. Concedido em 26.02.1.901.

Termo 173: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo para benzer um novo cemitério em Belchior. Concedido em 26.02.1.901.

Termo 174: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Henrique Karitz e Martha Vahl-dick, em 26.02.1.901.

Termo 175: Provisão de vigário encomendado da paróquia de Blumenau em favor do Rev.mo Pe. Superior do Convento dos Franciscanos, em 14.03.1.901.

Termo 176: Carta Pastoral do Sr. Bispo sobre o Jubileu do Ano Santo, em 26.05.1.901.

Termo 177: Provisão de faculdades concedidas aos padres confessores durante o Jubileu de 1.901, em 26 de maio.

Termo 178: Carta Pastoral do Sr. Bispo que trata das Atas e Decretos do Concílio Plenário Latino Americano, em 24.07.1.901.

Termo 179: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Leopoldo Schmitt e Cecília Weis, em 17.09.1.901.

Termo 180: Portaria da ereção da Congregação das Filhas de Maria em Indaial, em 18.10.1.901.

Termo 181: Orientação do Sr. Bispo de Curitiba ao clero e fiéis pedindo obras de piedade em homenagem ao Jubileu do Papa Leão XIII, em 10.02.1.902.

Termo 182: Provisão de vigário encomendado em favor do Rev.mo Pe. Superior do Convento dos franciscanos, em 18.03.1.902.

Termo 183 a) Provisão de

dispensa matrimonial em favor de João Ronchi e Clélia Ronchi, em 04.02.1.902.

Termo 183 b) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Jacob Theis e Anna Kiehnen, em 12.04.1.902.

Termo 184: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Margarida de Oliveira e Bernardo Rödel, em 31.05.1902.

Termo 185: Orientação do Sr. Bispo que trata da legitimação dos terrenos das Igrejas que estejam sujeitas à nova lei de terras dos Estados do Paraná e Santa Catarina, em 06.05.1902.

Termo 186: Termo de bênção do cemitério e de uma cruz em Warnow, em 03.08.1902.

Termo 187: Termo da fundação do Apostolado da Oração em Blumenau, ocorrida no 1º. domingo de junho de 1.902.

Termo 188: Cópia do documento de propriedade do cemitério de Warnow, Indaial, 31.08.1.901.

Termo 189: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Pedro Matheus de Souza e Luiza de Jesus, em 02.08.1902.

Termo 190: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Estevão Geissler e Elsa Lyders, em 21.09.1902.

Termo 191: Pedido de Fr. Wendelino Winkens ao Sr. Bispo para erigir Via Sacras nas capelas de Warnow, Treze de Maio, Guarani-Mirim, Caminho das Areias, Encano Alto. Concedido em 29.09.1902.

Termo 192: Pedido de Fr. Wendelino ao Sr. Bispo para benzer as seguintes capelas e oratórios públicos acima citados. Concedido em 22.09.1902.

Termo 193: Pedido de Fr.

Wendelino ao Sr. Bispo para benzer o cemitério e a cruz na capela de Treze de Maio. Concedido em 22.09.1902.

Termo 194: Termo da visita do Sr. Bispo de Curitiba à paróquia de Blumenau em 05.09.1902. Registro de 09.10.1902.

Termo 195: Termo de bênção da Igreja de Santa Inês de Indaial, em 21.01.1896. Sem data de registro.

Termo 196: Termo da ereção da Via Sacra na Igreja de Santa Inês em 24.01.1897. Sem data de

registro.

Termo 197: Termo de ereção da Via Sacra na capela de São Ludgero de Rio do Teste, em .. 21.05.1897. Sem data de registro.

Termo 198: Termo de bênção da capela do Sagrado Coração de Jesus em Belchior, em 03.12.1.900.

Termo 199: Termo de ereção da Via Sacra na capela de Belchior, em 11.04.1.901.

Termo 200: Termo da bênção do cemitério construído atrás da capela de Belchior, em 11.04.1.901.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: **Rosa Herkenhoff**

Excertos do "Kolonie Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícias de 9 de novembro de 1867:

O BRASIL NA EXPOSIÇÃO MUNDIAL DE PARIS.

O Brasil ocupa, sem dúvida alguma, o primeiro lugar entre todas as nações da América do Sul, que tomaram parte na Exposição, no que se refere à quantidade, à diversificação e à qualidade de seus produtos. O nosso País esforçou-se para conquistar esta posição. Os artigos expostos foram reunidos primeiramente em exposição Nacional do Rio de Janeiro, onde, por fim, um júri escolheu os objetos a serem enviados a Paris. Em lugar de um simples catálogo, enumerando todos os objetos, o Governo editou um volume especial para a orientação precisa dos principais artigos, o lugar de origem, a espécie de sua cultura e sua fabricação, preço, comércio, etc. Uma parte desse livro apresenta estatísticas do Brasil, concernentes à administração, à situação financeira, às instalações, às estradas de ferro, à exportação e à importação. O catálogo constitui um panorama geral do Brasil e guia o visitante de maneira perfeita, pelas salas da Exposição Brasileira. As salas são ricamente ornamentadas sendo o salão principal todo decorado em verde e ouro. A ornamentação é um tanto exagerada, mas em seu conjunto apresenta boa impressão. Nessa sala se encontram alguns dos principais produtos do Brasil, sobretudo excelentes AMOSTRAS DE ALGODÃO, que foram bastante elogiadas. O País recebeu o Grande Prêmio Especial pela cultura do algodão. O júri, com esta

distinção, desejava premiar os esforços do nosso País em prol da cultura do algodão, durante e após a Guerra Civil na América do Norte. Conseguimos, realmente grandes resultados nesse ramo de cultura. No ano de 1861 o Brasil somente exportou 85.000 sacas de algodão, já no ano de 1865, mais de 334.000 sacas. De todos os tipos de algodão, o produto brasileiro é o mais adequado para a substituição do algodão Luisiana, segundo a opinião dos fabricantes ingleses. A província de Pernambuco alcançou preços mais elevados no mercado de Liverpool, pelo seu algodão, cotação esta mais elevada do que a da América do Norte. É de se notar que nas províncias meridionais do Brasil a cultura do algodão é promovida principalmente pelo trabalhador livre e não pelo escravo — evidenciando deste modo, que a abolição da escravatura não levará o País à ruína, mas ao contrário a uma futuro de felicidade. A BORRACHA do Pará, que não apresentou as suas melhores amostras, já vem gozando da atenção dos peritos. Grande parte desse produto é originária das margens do Amazonas. A província o Pará ainda possui outras fontes de riqueza, como o CACAÚ e BAUNILHA — inferior à qualidade mexicana — a SALSAPARILHA, o GUARANÁ e grande quantidade de PRODUTOS MEDICINAIS E QUÍMICOS. Entre os produtos químicos, a coleção do sr. F. Peckolt, sem dúvida, ocupa o primeiro lugar, pois a mesma se compõe de nada menos que 210 amostras de resinas, óleos voláteis e elementos extraídos de plantas tropicais.

(Continua)

AS PREVISÕES FUTURAS PARA A INDÚSTRIA DE MÁQUINAS NO FABRICO DE LATICÍNIOS NO SUL DO BRASIL

Conselhos práticos e experiências colhidas, num valioso trabalho de Eugen Kieser, técnico no fabrico de laticínios e agricultura "perguntas para o futuro" — editado em Blumenau em 1918, impresso na Tipografia Baumgarten.

(continuação do n.º anterior)

A LEI BRASILEIRA SOBRE A MANTEIGA

A 2 de abril de 1916 uma série de condições sobre a fábrica da manteiga, controle e proibições foram divulgadas e das quais citaremos as de mais interesse, que são as seguintes:

Artigo 4.º — Como falsificação é reconhecida toda e qualquer manteiga conservada ou

pós-preparada e entregue à venda ao público.

Parágrafo I — A manteiga conservada é aquela que é submetida a certo método de manipulação, visando maior tempo de conservação e não é submetida a certo método de manipulação, visando maior tempo de conservação e não é submetida a um processo de diluição.

Parágrafo III — Sobre man-

teiga fresca, se entende toda aquela não submetida a nenhum processo acima citado e sim apenas lavada, salgada e empacotada. A quantia de sal adicionado não pode ultrapassar de 2,5% e a mesma, até sua venda, só pode ter 6 graus de ácidos e sua consistência e aroma natural não podem ter sofrido alteração.

Artigo 5º. — Toda manteiga vendida ao público precisa levar na embalagem o nome do fabricante, do vendedor ou do embalador, a marca da fábrica, lugar de fabricação e peso bruto.

Ordens de cumprimento

Parágrafo 1 — Junto aos esclarecimentos ora citados, deve constar a anotação: Conservação ou Renovada, a manteiga fresca deve levar no rótulo a anotação FRESCA.

Quando esta lei for divulgada nos jornais, o comentário geral era de que se visava, exclusivamente, os respectivos falsificadores de manteiga nas diversas cidades. Quando a produção de manteiga na capital se via prejudicada ela deveria seguir os mesmos preceitos exigidos por lei. A lei visava unicamente preservar os interesses do consumidor. E também a melhora geral das fábricas de manteiga como já aconteceu nas grandes capitais.

Que a ação contra os falsificadores era válido quero relatar numa das experiências pela qual eu mesmo passei. Alguns anos passados, recebi de Pernambuco, um representante de uma firma importadora local de várias qualidades de manteiga para análise e que provocavam a falta de procura da manteiga blumenauense.

O resultado da análise tinha mais ou menos este apuro geral: Uma lata de 1 (um) quilo, peso bruto, continha 240 gramas de lata de embalagem, cerca de 300 gramas de sal, não diluído e água de sal e verificar vestígios de caseína (era manteiga renovada em substâncias de gordura, restando apenas 460 gramas de manteiga integral, tendo mais ou menos a aparência de cera para assoalho.

O paladar era ultra salgado e em alto grau rançosa. Comparando-se esta manteiga, a manteiga blumenauense podia ser considerada de excelente qualidade. Mas com a venda com estes produtos não podia concorrer, porque aparecia no mercado por apenas .. 2\$000, enquanto que a nossa chegava ao mercado por 4\$000 ou .. 5\$000, enquanto que a colônia recebia apenas de 1\$500 a 1\$800 réis pelo quilo que vendia.

A perspectiva junto ao mercado do Norte, que o superintendente exaltava era de valor mínimo. Realmente, o comerciante de manteiga, de Pernambuco, compra nossa mercadoria e a repara. Assim, o produto falsificado é lançado no mercado por preço mínimo. O paladar enganado do proletário está habituado à sua marca e desta forma a procura também aumentou.

No Rio de Janeiro e em São Paulo já estão bem mais adiantados na fiscalização e por isso, o extermínio dos falsificadores naqueles dois Estados ainda levará tempo. Os falsificadores, nestes centros, são bem mais cuidadosos e espertos. Estudam os lados fracos das leis de controle e lançam no mercado rótulos bonitos e vistosos. Igualmente precisavam contar com a variedade de

paladar, porque a freguesia também é variada, contando com trabalhadores de classe, hotéis e cantinas militares, que também são bons pagadores.

Um grande erro se comete no Brasil com a divulgação de leis mal elaboradas. Portanto, a força propulsora desta lei da manteiga também se deve a políticos e grandes fazendeiros, que possuem grandes glebas de terras no Rio, São Paulo e Santos.

Estes mesmos instalaram as fábricas de manteiga no estilo francês. Por muitos anos somente famílias ricas podiam se dar ao luxo de usar manteiga pura, pois o preço por quilo era de 8 (oito) a 10\$000 mil réis. Os senhores proprietários de fábricas ganhavam muito dinheiro. Aos poucos, mais para o interior também instalavam-se fábricas. Eu sei de algumas que trabalhavam diariamente cerca de 10 a 12 mil litros de leite. Desta forma, a oferta crescia gradativamente, e a classe média também podia adquirir manteiga. Logo, a diferença de preço entre a potente "Luba-

qui-X" a manteiga blumenauense e a de fábricas de manteiga outras, pouca diferença existia. Esta situação não agradava aos fazendeiros-senadores. Como eliminar a desagradável concorrência? O medicamento geral "política" tinha que entrar no jogo. Este sistema já havia salvo outras situações difíceis e desta vez também serviria. O atual recém-empossado Ministro da Agricultura recebeu um aviso amigável e os jornais iniciaram uma propaganda intensa anti-alemã e um pouco oculta contra a "mistura renovada", obtendo assim o apoio do Congresso que aprovou as leis da manteiga. Também o Ministro estava satisfeito, porque tinha agora amigos e representantes dos maiores Estados agrícolas do seu lado. De onde viria o dinheiro para a organização da classificação num território tão grande, no momento não interessava. Também em Blumenau estamos em território nacional e sabemos que não comeremos sopa tão quente aqui quando ela chegar.

(Continua no próximo número)

EDUCAÇÃO

Valorização do idioma alemão

"Der Urwaldsbote" — Ano 23 — nº. 11 Sexta-feira, 6 de agosto de 1915.

"No nosso suplemento em português, publicamos hoje dois artigos, do Capitão Vieira da Rosa, que recomendamos para a leitura. Nós agradecemos muito ao Capitão Rosa que nestes tempos difíceis de guerra, sempre mos-

trou-se um defensor dos alemães e teuto-brasileiros.

UM DESMENTIDO

Na faina inglória e impiedosa de achar mau, sistematicamente, tudo que é teuto, alguns de nossos patricios, cegos pelo ran-

cor que eles mesmos, não explicam, apregoam que o alemão e seus descendentes recusam a aprendizagem do vernáculo, o que é uma mentira torpe, uma aleivosa sem nome.

Nenhum, pelo menos aqui, se recusa aprender nossa língua, e se não a conhecem, é simplesmente porque a ocasião de familiarizarem-se com ela jamais se apresentou. Tenho a obrigação de acreditar na sinceridade de todos, e quando um colono lamenta que seu filho não possa aprender o idioma do país, seja ele alemão, polaco ou italiano, estou certo de que fala sinceramente, porque, é óbvio, ele bem sabe que, quem fala duas línguas vale por dois.

Se os colonos alemães quisessem ser tão exclusivistas, vivendo como vivem, isolados por estes sertões, ser-lhes-ia fácil censurar a língua teutônica, pois ninguém iria proibir que se expressasse na mesma, enérgica e rica, que se ouve desde o Remo até Königsberg.

Eu poderia citar exemplos inúmeros, que observei, desde Glória, no nosso limite meridional, até os confins do Curisco, nestes sertões bravios, onde a onça e o bugre ainda cometem suas depredações.

Citarei somente o que observei aqui em Curitiba, onde a opinião é favorável à Alemanha, onde todas as simpatias se voltam para o grande império e onde os votos são pela vitória de suas armas.

Essa simpatia é justificada pela presença de muitos descendentes de alemães que pelo seu proceder correto, respeitoso e ordeiro, souberam se impor na opinião, chamando a atenção para a sua raça.

Não há aqui quem não conheça essas famílias Goetten, Graneinann, Carlin, Drissen, Hau, Arbighan, Raus, Weber, Walter e tantos outros, verdadeiros brasileiros pela língua, pelos costumes e pelo sentimento. E o que significa este fato, que é, sem conteste, a prova em contrário do que se apregoa, de repulsa alemã pela nossa língua? Significa apenas que, pelo fato de se acharem de continuo com brasileiros de outras procedências, não só aprenderam o vernáculo, mas esqueceram a língua de seus pais, o que acho francamente censurável.

Eu sou brasileiro e não admito que nenhum outro seja-o mais do que eu, mas na minha casa, inter-muros, só se fala o alemão, afim de obrigar meus filhos a prática de uma língua que lhes facilitará a vida futura e o conhecimento das belezas de Goethe, Shiller, Uhland e tantos outros sábios, poetas e artistas. Aprenderão o francês, afim de que se habilitem a ler na própria língua os notáveis autores da velha e simpática França.

E por pensar assim, acho que aqueles colonos que esquecem a língua de seus pais, têm cometido não um erro, mas um crime. Mas, na observância desses fatos, se por um lado achamos maus, por outro deixamos de regozijarmos porque são o desmentido cabal da propaganda má, venenosa, que por aí se faz, contra um elemento ao qual só o bem devemos.

A NOSSA IGNORANCIA E MELINDRÊS

Haverá coisa que mais desgraça do que ouvir a verdade? Estamos tão pervertidos, pobres

humanidade! que as verdades só nos causam constrangimento, quando expressas!

Que negro gostará que se lhe chame: oh! negro! Que feio homem ou mulher, admite que se lhe chame assim? É geral, é medida e regra.

Então aqui, onde tantos elementos étnicos e, por isso, tantos caracteres, tantos temperamentos diversos existem, a causa chegou onde podia chegar.

Somos um povo naturalmente inteligente mas, seja-nos licito dizer — ignorantes.

É claro que muitas exceções existem, mas essas, com franqueza, não vêm em grande número e conservam-se num mutismo imperdoável, com uma modéstia impatriótica ou, como sucede com o exército onde existem verdadeiras notabilidades que, forçados pela disciplina, não poderão se expressar, em dados assuntos com a franqueza que o escritor civil tem, pois que não está preso pelos laços fortes de obediência militar

Foi justamente devido a santíssima ignorância que os forgicadores de telegramas e artigos faziam avançar as terribilíssimas avalanches russas, para em 15 dias chegarem a Berlim.

Devido a ela, a pobre esquadra alemã, achava-se engarrada em Kiel e a formidável frota inglesa a estorvar-lhe o passo ao Mar do Norte, depois das três ou quatro quedas de Helgoland.

Ainda por causa dessa baixíssima ignorância morre a Alema-

nha de fome já há dez meses, enquanto se mantém heróico e firme nos territórios inimigos, que arroteia e explora, em seu proveito e no da própria população nacional.

Foi a densa ignorância que anunciou a falta de aço para granadas, como se aço fosse algum minério especial, algum corpo simples, e não uma combinação de ferro e carvão e ferro que há em abundância na Alemanha e nos 90% das fundições do norte francês e da Bélgica. A ignorância fez tudo isso, e os nossos melindres tornam-nos excepcionalíssimos porque só nos ofendem se alguma dura verdade é proferida por lábios alemães. Se parte de um francês ora deixa, é gracejo, e espírito gaulês é... digamos, sem-vergonhismo.

Se um alemão (demos um exemplo) se Sellin na sua geografia do Brasil, depois de muitos elogios, diz algumas verdades, oh! alemão infame, só se enxergam as verdades duras, mas verdades, que são consideradas ofensas e que precisam ser repelidas.

O nosso melindre não admite senão as verdades agradáveis ou, desde que sejam agradáveis, as mentiras interesseiras dessas que, olhos fitos em alguns milhares de francos, fazem discursos apologéticos aqui, para depois na Europa tratarem de praga de bichos de pés, etc."

Cap. Vieira da Rosa."

(Tradução de
Edith Sophia Eimer).

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

Oscar Gustavo Krieger - 80 anos - Muitas lutas

Acabamos de receber, de sua neta, Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, nossa colaboradora e destacada historiadora catariense, o belíssimo e muito bem elaborado livro com o título acima, homenageando a passagem dos 80 anos de vida de Oscar Gustavo Krieger, seu avô.

Trata-se de uma obra notável, que preserva, não só a memória de quem muito tem feito por sua comunidade, mas também classifica as gerações que se sucederam, partindo do aniversariante.

O livro, em sua introdução, diz o seguinte: — “Nossa Recompensa —

Se procuro entre minhas lembranças as que deixaram um gosto durável se faço um balanço das horas que valeram a pena, certamente só encontro aquelas que nenhuma fortuna do mundo ter-me-ia presenteado.

A frase acima é de Saint-Exupéry, em “Terra dos Homens”, mas podia ser nossa. Melhor: é nossa. Ele apenas antecipou o que sentimos e pensamos na oportunidade em que festejamos os 80 anos de Oscar, do Ósca, de papai, do vô, do ôpapa, do “seu” Oscar, do homem-de-gravata-borboleta, do Inspetor Escolar, do dono da Livraria, do colecionador de selos, do torcedor do “Carlos Renaux, do secretário da Comissão da Matriz, do Presidente da Liga Desportiva, etc.

Um homem, muitas faces? Não! O mesmo, sempre o mesmo, colocando seu coração em tudo o que fazia e faz. Como retratar esse coração? Tarefa difícil, quase impossível. Não custa, porém, dar uma pincelada aqui, outra ali, para que surja, ao menos, um esboço. É nossa maneira de repartirmos com outros o muito que ganhamos nesses 80 anos. No fundo, no fundo, talvez seja uma oportunidade de nós mesmos nos debruçarmos sobre sua pessoa, recordando momentos que ouro algum teria condições de comprar.

Insistimos: é um esboço. Muitas pinceladas não foram dadas. Não foram reproduzidas, por exemplo, as horas marcadas pela dor. Nem tentamos. De um lado seria uma tarefa muito difícil; de outro, seria contra a disciplina que aprendemos a cultivar em família. Claro, ao menos poderia ser dito que naqueles momentos percebemos quanto são profundos os laços que nos unem. Mas também isso é difícil de se expressar.

Um esboço, feito a muitas mãos. Não importa o resultado do trabalho. A alegria que sentimos, na tentativa de executá-lo, constituiu-se, por si mesma, em nossa maior recompensa.

Brusque, 1º de outubro de 1989.

Felicitemos o aniversariante pela feliz efeméride, assim como seus familiares e em especial Maria do Carmo, pela bela iniciativa de registrar tão importante fato, reunindo as gerações emanadas de seu querido avô.

FAMÍLIA SCHROEDER

BERGISCHES LAND — VALE DO ITAJAÍ

125 anos de BRASIL

A região do Bergisches Land, situada no estado de Nordrhein-Westphalen, é caracterizada pela topografia ondulada, pelos inúmeros vales e riachos, pelas pequenas vilas e cidades e é além disso historicamente muito antiga, tendo sido colonizada pelos romanos, que fundaram perto da-

li a cidade de Colônia. É composta em sua maioria por pequenas propriedades e dado o seu relevo e crescimento demográfico, ocorrido mais acentuadamente na segunda metade do século passado, fez com que milhares de moradores deixassem esta região para, por exemplo, ir trabalhar nas indústrias do Vale do Ruhr ou tentar uma vida melhor através da emigração.

A informação mais antiga obtida até hoje se refere ao nascimento de Johann Albert Schroeder, filho de Peter Schroeder e Anna Maria Wirtz, em 12.09.1779 em Hohkepeel, e que no dia 29.08.1824 casou com Catharina Weyer, nascida em 1788 em Kochsfeld - Mühlenberg. Um dos filhos desse casal, Johann Wilhelm, nascido em 25.01.1829 em Plätzmühle, cidade de Kürten, por sua vez casou em 1.º núpcias com Maria Elisabeth Schnepfer, nascida em 23.02.1828 em Mühlenberg, no dia 16.01.1849 e cujos filhos foram Johann Albert, Gertrud Elisabeth e Maria Gertrud. Maria Elisabeth vem a falecer após o nascimento de Maria Gertrud que



Wilhelm Schroeder e Rosalie Schmitz Schroeder

também não sobrevive. Nosso patriarca casa-se novamente em 24.11.1855 em Olpe com Rosalie Schmitz, nascida em 20.03.1835 em Hornen. Na Alemanha nascem os filhos Karl, Heinrich, Wilhelm e Katherine.

Provavelmente por seu irmão ter herdado a propriedade do pai, Johann Wilhelm vai trabalhar no Castelo Strauweiler pertencente até hoje à família Saym-Wittgenstein e a casa da família Schroeder foi recentemente demolida para a construção da represa de água potável de Dhüntal.

Foi com muita vontade de vencer, trabalhar e com bastante esperança que o casal decide emigrar com seus filhos, inclusive Katherine, então com apenas 3 meses de idade, em 17.03.1864 segundo documento do governo onde autoriza a emigração para o Brasil.

A família se estabelece primeiramente em Passo Manso, depois Indaial e mais tarde Apiúna, onde possuía um armazém e hotel para atender os agricultores e tropeiros. Em poucos anos Johann Wilhelm se tornou conhecido e bem-quisto pelos moradores e imigrantes do Vale do Itajaí pois era sempre alegre e muito amigo e principalmente porque compreendia os problemas dos primeiros anos de vida e luta dos novos imigrantes.

Aqui no Brasil o casal teve ainda os filhos Franz, Friedrich, Jacob, Wilhelmine, Anna, Ida e Bertha.

Tanto Johann Wilhelm quanto seus filhos fazem parte dos

pioneiros e desbravadores que tornaram possível o processo de colonização além dos núcleos de Blumenau, Pomerode, Indaial e Timbó e no estabelecimento de povoados em direção ao Alto Vale do Itajaí.

Seu filho primogênito, Johann Albert, proprietário do lote nº. 1 margem direita do Rio Benedito, nasceu em 17.09.1849 em Plätzmühle e casou em 21.04.1874 com Margarethe Krambeck, nascida em 09.11.1856 na Colônia Independência — R.J. Mantinha a balsa para a travessia sobre o Rio Benedito e Rio Itajaí-Açu e um armazém que mais tarde com a administração do seu filho Carlos Schroeder se expande até ser formada no seu auge de uma atafona, açougue, fábrica de banha, descascador de arroz, fábrica de charutos, torrefação de café, fecularias e filiais em Timbó, Rodeio e Rio do Sul.

Gertrud Elisabeth, nascida em 24.12.1851 casou com Adolf Tausend e teve 3 filhos.

Karl, nasceu em 09.01.1856 e casou com Catharina Wirth, tiveram 14 filhos. Foi o primeiro morador e balseiro de Rio do Sul em 1890 mas devido a um ataque dos índios voltou para Apiúna e depois um dos pioneiros de Ibirama.

Wilhelm, nascido no dia 01.09.1858 e casado com Matilde Buchholz teve 7 filhos. Residiu muitos anos em Apiúna, foi um dos pioneiros em Vargem Grande e mais tarde em Ituporanga.

Heinrich, que nasceu em . . 17.08.1861 e foi casado com Wilhelmine Plaster, é o pioneiro de maior expressão de Lontras tendo ido residir no Alto Vale em 1893.

Katherine, nascida em 19.12.1863 casou com Hermann Strey e teve somente uma filha.

Wilhelmine casou com Manoel Dias da Silva.

Franz nasceu em 12.07.1868.

Anna nasceu em 25.11.1870 e casou com Adolf Dietrich e teve 8 filhos.

Friedrich nasceu no dia 19.07.1872 e casou com Linna Holler e tiveram apenas 2 filhos.

Ida nascida no dia 09.02.1875 era casada com Michael Hoffmann e teve 5 filhos. Residiam na localidade de Ribeirão do Bode e depois transferiram-se para Matador em Rio do Sul.

Jacob nasceu em 26.07.1876 e foi casado com Anna Wagner.

Bertha nasceu em 16.03.1880 e casou com Richard Hafemann e teve 6 filhos. Residiam próximo à, certamente, única igreja em estilo enxaimel da região, hoje a-

bandonada.

Nos últimos anos de vida, Johann Wilhelm ainda exerceu a função de Inspetor de Quarteirão de Apiúna e veio a falecer no dia 27.01.1895 depois de ter vivido e trabalhado por 31 anos na sua nova pátria para o bem-estar de sua família e dos amigos. Estes princípios de vida deveriam ser seguidos não só pelos seus descendentes, hoje distribuídos pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Rondônia; pois somente através de determinação, trabalho, honestidade e amizade é possível atingir os objetivos a que nos propomos.

Autor. **Marcos Schroeder**

O autor solicita mais dados para pesquisa — Endereço para contato — CP 22 - 89160 — Rio do Sul — SC.

Aconteceu...

Setembro de 1989

DIA 2 — Presidida pelo prefeito Vilson Kleinubing, e com a presença de numeroso público, realizou-se a solenidade de inauguração, às 15 horas, de quatro reservatórios construídos pelo SAMAE, para atender aos moradores dos bairros da Velha, Passo Manso e Água Verde. A obra, atenderá ligações numa extensão de 40 quilômetros, passando a beneficiar cerca de 25 mil pessoas.

DIA 2 — Com a presença de grande número de expectadores, realizou-se mais um dia de festa por ocasião do aniversário de fundação de Blumenau. Às 8:00 horas, houve importante solenidade no Mausoléu Dr. Blumenau, tendo na oportunidade falado o prefeito Vilson Kleinubing, acontecendo, em seguida, o grande desfile das sociedades de atiradores ao longo da rua 15 de Novembro. Tratando-se de solenidades que preservam a memória histórica da cidade, o prefeito municipal, em seu discurso oficial, declarou que seriam recuperados dois

importantes patrimônios históricos de Blumenau, como sejam, a ponte ferroviária e a restauração do prédio da antiga prefeitura em suas características originais.

* * *

DIA 4 Despertando a curiosidade da população, passou por Blumenau a primeira comporta que servirá na barragem de Ibirama, para a retenção das águas do rio Hercílio em períodos de cheias. A grande peça foi transportada por duas carretas, ocupando longo trecho da estrada.

* * *

DIA 6 — A imprensa (JSC) noticia com destaque um fenômeno agrícola ocorrido em terras pertencentes ao sr. Alberto Schaefer, aonde foram plantadas algumas bananeiras e estas desenvolveram e produziram num só pé, três cachos. Trata-se de um fato até então nunca ocorrido em Blumenau.

* * *

DIA 9 — No auditório do Teatro Carlos Gomes, realizou-se a palestra sobre a Aids no Congresso Catarinense de Farmácia e Bioquímica, palestra esta proferida pelo professor Denis Werner, da Universidade Federal de Santa Catarina.

* * *

DIA 10 — Encerrou-se mais uma exposição de Orquídeas, que aconteceu no Mausoléu Dr. Blumenau e promovida pelo Círculo de Orquidófilos de Blumenau. A exposição teve muitos visitantes durante os dias em que permaneceu aberta à visitação pública. Trata-se da 70ª. exposição que aquela entidade realiza em Blumenau. A mostra reuniu 37 categorias das espécies mais variadas, causando admiração geral.

* * *

DIA 12 — Nesta madrugada, em consequência das constantes chuvas que caíram em Blumenau e toda a região do Vale, começaram a provocar nos bairros de Blumenau diversos deslizamentos de terra. Os locais mais atingidos foram os bairros da Velha e Garcia. O corpo de bombeiro atendeu a partir da madrugada, a chamados para salvamentos em cinco deslizamentos e outras ocorrências causadas pelo temporal. Felizmente não houve vítimas.

* * *

DIA 19 — A comissão organizadora da Festa Anual das Árvores, desenvolvida pela Secretaria do Meio Ambiente e Defesa Civil, fez entrega de mil mudas de seis espécies diferentes de árvores exóticas e treze mil de sementes de Leguminosas.

* * *

DIA 20 — O prefeito Vilson Kleinubing e o vice Victor Fernando Sasse, prestaram homenagem à jovem Ricarda Raquel Barbosa Lima, de 19 anos, que, integrando a seleção brasileira de volei juvenil, saindo da equipe da Hering, conquistou, no Peru, recentemente, o título de bi-campeã mundial de voleibol juvenil. A solenidade deu-se no gabinete do prefeito municipal, com a entrega de uma placa a referida atleta, registrando o evento.

DIA 20 — A imprensa local (JSC) informa a escolha do sr. Dionísio José Reichert, operário da Hering Brinquedos, como Operário Padrão a nível de Blumenau.

* * *

DIA 20 — O Jornal de Santa Catarina registrou a passagem de seus 18 anos de circulação, já que a sua primeira edição veio a lume no dia 20 de outubro de 1971.

* * *

DIA 20 — De acordo com protocolo assinado pelo prefeito Vilson Kleinubing e o prefeito da cidade de Badajos, na Espanha, as duas cidades se tornaram co-irmãs, no sentido do intercâmbio cultural em geral. Badajos possui uma população de cerca de 110 mil habitantes, na qual a Cia. Hering pretende instalar uma malharia.

* * *

DA 21 — De acordo com relatório apresentado ao prefeito municipal pelo Departamento de Agricultura da Secretaria do Desenvolvimento, a Patrulha Mecanizada atendeu 355 propriedades no mês de agosto, com serviços em geral, inclusive abertura de lagoas para piscicultura. O Posto de Suinocultura, de Itoupava Rega, entregou, durante o mês, 37 reprodutores suínos das raças Durox, Landrace e Large White a 14 criadores. O setor de Inseminação Artificial aplicou 200 ampolas de semen das raças Jarsey, Holandesa, Gir, Nelore e Tabapuá. A Clínica e Defesa Sanitária Animal atendeu 1.147 animais de 832 propriedades.

* * *

DIA 23 — O Centro Cultural 25 de Julho promoveu o Concerto da Primavera, um espetáculo vivamente aplaudido, que contou com a participação dos corais Municipais de Angelina, Misto do 25 de Julho e o Masculino "Liederkrantz", daquele Centro, sob a regência do Maestro Avelino Koerbs. Coral Infante Juvenil com o Grupo Instrumental regido pela prof^a. Iris Ramers.

* * *

DIA 27 — Comemorando seus 40 anos de existência, a República Democrática Alemã — DDR — promoveu, no Centro de Cultura de Blumenau, uma exposição de objetos de artes, artesanatos, livros, etc., cuja inauguração contou com elevado número de pessoas, entre outros o presidente da Câmara do Povo daquele país, deputado Ulrich Fahl.

* * *

DIA 29 — Mais uma sessão do Projeto "Letra Viva", foi realizada, promovida pelo Departamento de Cultura da Prefeitura, Fundação "Casa Dr. Blumenau" e Centro Acadêmico dos Estudantes de Letras da FURB. A edição, que foi a 3^a. até então realizada, contou com as presenças dos poetas Marcello Riccardo D'Almeida, Marcelo Rafael Rech e Regina Ballmann. A apresentação dos três valores foi feita pelo poeta e escritor Roberto Diniz Saut.

Conselho Curador se reúne e toma importantes decisões

No dia 17 do corrente mês de outubro, esteve reunido, em reunião ordinária, o Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau". Entre os assuntos em pauta, constava o referente às desapropriações que se fazem necessárias, de áreas de terras que se situam dentro do "stadplatz", que é o centro histórico em que se originou a cidade de Blumenau.

Depois de abertos os trabalhos e da prestação de contas da administração, através de um relatório trimestral, o diretor executivo falou aos srs. conselheiros, dizendo de suas preocupações sobre as dificuldades que o governo municipal estava enfrentando para solucionar o problema e impedir a construção do prédio ao lado das casas do Museu da Família Colonial, num terreno considerado de preservação histórica.

Disse, também, que ainda mais grave seria deixar que pessoas estranhas aos interesses culturais da cidade e dos interesses da Fundação, viessem a adquirir o terreno de 600m². situado ao lado do prédio da Fundação, para ali, inicialmente instalar um estacionamento, mas que, mais dia menos dia, acabariam exigindo a construção de mais um prédio para uso particular, tirando da Fundação "Casa Dr. Blumenau" as possibilidades de construir seu próprio prédio de três pavimentos que serviria para a ampliação da Biblioteca e do Arquivo, além da instalação do Museu de Informática, Museu Histórico da Indústria e o Museu da Imagem e do Som, cujos sonhos de instalação, disse o diretor, estariam totalmente afastados, se não houver, o quanto antes, a ação do sr. prefeito, no sentido de decretar considerando a área de utilidade pública para fins de desapropriação. Disse ainda que, com uma decisão do Conselho, tomando as providências necessárias, evitar-se-ia que, no futuro, os srs. conselheiros e a direção atual da Fundação, fossem criticados por omissão diante de uma medida tão importante que se faz necessário adotar agora.

Ante a exposição, os srs. conselheiros, por sugestão do conselheiro sr. Frank Graf, aprovaram por unanimidade o encaminhamento de correspondência por todos assinada ao sr. Prefeito, recomendando as medidas necessárias para assegurar a invulnerabilidade do terreno para mãos particulares enquanto ainda é tempo, assegurando, com isso, a possibilidade da construção futura para atender às necessidades da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

A carta foi encaminhada ao sr. Prefeito, assim como uma cópia da ata da reunião, sendo que, os srs. Victor Fernando Sasse, vice-prefeito e Paulo da Costa Gouvêa, Secretário do Planejamento, também receberam cópia do referido documento.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Nestor Seara Heusi — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA